

O CONDE DE MONTE CRISTO

ALEXANDRE DUMAS

O CONDE DE MONTE CRISTO

Texto adaptado

Adaptação
Walter Sagardoy



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Adaptado do original em francês
Le Comte de Monte-Cristo

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Alexandre Dumas

Diagramação
Fernando Laino | Linea Editora

Adaptação
Walter Sagardoy

Design de capa
Ana Dobón

Preparação
Jéthero Cardoso

Imagens
Funnybear36/shutterstock.com;
Vinap/shutterstock.com

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D886c Dumas, Alexandre
O conde de Monte Cristo / Alexandre Dumas ; adaptado por Walter
Sagardoy. - Jandira, SP : Principis, 2021.
288 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Adaptação de: Le Comte de Monte-Cristo
ISBN: 978-65-5552-298-3

1. Literatura francesa. 2. Romance. I. Sagardoy, Walter. II. Título.
III. Série.

2021-132

CDD 843.7

CDU 821.133.1-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Romance 843.7
2. Literatura francesa : Romance 821.133.1-31

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



Capítulo 1

Em 24 de fevereiro de 1815, a torre de vigia do porto de Marselha sinalizou a chegada do *Pharaon*. Uma multidão de curiosos imediatamente se juntou no cais, como sempre acontecia quando um navio se aproximava, especialmente quando ele pertencia a alguém da cidade.

A embarcação avançava devagar. Os que entendiam de navegação, porém, logo perceberam que, se a má sorte tivesse mesmo atacado, não tinha sido contra o navio de três mastros, que avançava em condições perfeitas, com a âncora prestes a ser lançada. Ao lado do piloto via-se um jovem que, em pé, observava todos os movimentos do navio.

A expectativa da multidão afetou tanto um dos espectadores que ele não se conteve: pulou em um pequeno barco e mandou o remador levá-lo até o navio.

O marinheiro deixou o seu posto ao lado do piloto e se inclinou sobre a amurada do navio. Era um jovem alto e ágil, de cerca de 20 anos, com expressivos olhos escuros e cabelos negros. Tinha aparência calma e determinada, indicando que era uma daquelas pessoas que desde a infância se acostumaram a enfrentar o perigo.

– Salve, Edmond Dantès! – cumprimentou o homem de dentro do barco.
– Que rosto triste é esse? O que aconteceu?

– Uma tremenda desgraça, senhor Morrel – respondeu o jovem.
– Perdemos o nosso capitão Leclère.

– O que aconteceu com ele? – perguntou o dono do navio.

– Morreu de meningite. Foi tudo muito inesperado. O capitão Leclère teve uma conversa longa com o comandante do porto na escala que fizemos em Nápoles e deixou a cidade muito agitado. Ele ardia de febre e morreu em três dias. Nós o sepultamos segundo nossas tradições e agora ele repousa no mar, na altura da Ilha de El Giglio¹. Trouxemos a sua espada e a condecoração para a viúva.

– Bem, *monsieur* Edmond, somos todos mortais. – disse o dono do navio, visivelmente aliviado. – E a carga?

– Está em bom estado. Esta viagem vai lhe render uns bons vinte e cinco mil francos!

O marinheiro interrompeu a conversa para dar ordens e coordenar a atracação. Jogou uma corda para o senhor Morrel e acrescentou:

– O seu guarda-livros, Danglars, lhe dará todos os detalhes. Preciso cuidar da ancoragem e pôr o navio de luto.

Danglars se aproximou do patrão, que subira até o navio com a agilidade de um marinheiro. O guarda-livros era um homem de uns 25 anos, servil com seus superiores e insolente com os subordinados. A tripulação tinha tanta aversão a ele quanto estima por Dantès.

– Pois é, senhor Morrel – disse o guarda-livros. – Perdemos o nosso capitão, um homem excelente, que envelheceu entre o céu e o mar defendendo os interesses de uma empresa tão importante quanto a Morrel & Son.

– Sim – respondeu o proprietário, observando Dantès trabalhar. – Mas acho que um marinheiro não precisa ser velho para entender do ofício. Nosso amigo Edmond parece conhecê-lo bem, sem precisar receber instruções de ninguém.

– Sim. – Danglars lançou um olhar de ódio para Dantès. – É jovem e tem muita autoconfiança. O capitão mal havia morrido e ele, sem consultar ninguém, assumiu o comando do navio. Por causa dele, perdemos um dia e meio no litoral da Ilha de Elba, em vez de irmos diretamente para Marselha.

¹ A Isola del Giglio, em italiano, é uma comuna da região da Toscana, província de Grosseto, Itália. Situa-se a dezesseis quilômetros ao largo da costa da Toscana, sendo uma das sete ilhas que formam o arquipélago toscano. (N.T.)

O CONDE DE MONTE CRISTO

– Como imediato do capitão, era obrigação dele assumir o comando.
– Morrel foi firme em sua fala e em seguida chamou Dantès.

– Um momento, senhor – respondeu o jovem, que concluiu a tarefa de supervisionar os marinheiros a soltarem a âncora e ordenando que a bandeira fosse hasteada a meio mastro.

– O senhor vê, ele já se imagina capitão.

– E é – disse o armador. – Por que não lhe daríamos esse posto? Ele é jovem, mas parece capaz e experiente.

Dantès se aproximou e Danglars se afastou um pouco.

– Gostaria de saber o motivo do atraso em Elba – interpelou-o Morrel.

– Não sei, senhor. Eu segui as últimas instruções do capitão Leclère, que ao morrer me deu um pacote endereçado ao marechal Bertrand.

Morrel olhou ao seu redor e puxou Dantès para um canto.

– Como está o imperador? – perguntou com ansiedade.

– Muito bem, até onde pude ver, senhor – respondeu Dantès.

– Você falou com ele?

– Foi ele quem falou comigo, senhor – disse Dantès, sorrindo. – Perguntou-me sobre o navio e a rota; eu lhe disse que pertencia à firma Morrel & Son. Ele disse que conhecia a firma e que havia um Morrel no mesmo regimento dele em Valência.

– É verdade! – exclamou o senhor Morrel, encantado. – Foi Policar Morrel, meu tio. Você fez muito bem em seguir as instruções do capitão Leclère e ir até a Ilha de Elba, mas é melhor que ninguém saiba que você entregou um pacote para o marechal e conversou com o imperador.

– Mas eu nem sei o que o pacote continha, e o imperador só fez algumas perguntas...

Os inspetores da saúde pública e da alfândega se aproximaram, e Dantès foi atendê-los. Danglars se aproximou do armador.

– Parece que ele lhe explicou os motivos da escala... – disse a Morrel.

– Da forma mais satisfatória possível – interrompeu-o o armador. – Não há mais nada a dizer sobre isso. Foi o capitão Leclère quem o mandou fazer uma escala em Porto Ferrajo, na Ilha de Elba.

– Falando do capitão Leclère, Dantès lhe deu uma carta dele? Acredito que, além do pacote, o capitão lhe entregou uma carta.

– Como o senhor sabe que ele tinha um pacote a ser entregue?

Danglars ficou vermelho.

– Eu estava passando pela porta do capitão, que estava aberta, e o vi entregar um pacote e uma carta a Dantès.

O marinheiro se aproximou nesse momento e Morrel o convidou a jantar em sua casa.

– Peço que me desculpe, mas devo a minha primeira visita ao meu pai. Mas agradeço a honra do convite.

– Há outra pessoa que espera impacientemente a sua chegada... a bela Mercedes.

Dantès sorriu.

– Muito bem – disse o dono do navio –, três vezes ela me perguntou se eu tinha notícias do *Pharaon*. Você vai despertar inveja: ela é muito bonita. Mas agora vá cuidar dos seus interesses, depois de ter cuidado tão bem dos meus. Precisa de dinheiro?

– Não, obrigado, senhor. Guardei todo o meu pagamento. São quase três meses de salário.

– Só mais uma coisa: antes de morrer, o capitão não lhe deu uma carta para mim?

– Não, senhor. Mas isso me lembra que preciso lhe pedir quinze dias de licença, para me casar e fazer uma viagem a Paris.

– Tire o tempo de que precisar. O *Pharaon* não parte antes de três meses, mas esteja aqui então, porque o navio não pode zarpar sem seu capitão.

– O senhor disse sem seu capitão? – perguntou Dantès, os olhos brilhando de alegria. – Realmente é sua intenção me fazer capitão do *Pharaon*?

– Tenho de falar antes com meu sócio. Mas acho que ele vai concordar. Eu não quero mais segurá-lo. Até logo.

Dantès pulou no barco, sentou-se e pediu que o remador o levasse à Cannebière, a principal rua de Marselha que dá para o mar.

– Pai, meu querido e velho pai! – Dantès falou ao chegar a casa.

Com um grito de alegria, o velho se voltou. Viu o filho e, pálido e trêmulo, o abraçou.

O CONDE DE MONTE CRISTO

– O que o senhor tem, pai? Está doente?

– Não, meu querido Edmond... Nem um pouco. Mas eu não o esperava, e a alegria repentina de vê-lo foi um choque.

– Acalme-se. Eu voltei e nós vamos ser felizes juntos.

– Certo, meu filho – respondeu o pai. – Fale-me dos seus planos.

– O nosso bom e velho capitão Leclère morreu, pai, e é provável que, com a ajuda do senhor Morrel, eu fique no lugar dele. O senhor está entendendo? Capitão aos 20 anos, com um salário de cem luíses! Com meu primeiro salário vou lhe comprar uma casinha com jardim. Mas, pai, qual é o problema? O senhor não parece bem.

– Não é nada, vai passar – disse o velho, mas ele cambaleou e perdeu o equilíbrio.

– Um copo de vinho vai restabelecer as suas forças – disse o jovem, procurando a bebida no armário.

– Não perca o seu tempo procurando – disse o pai. – Não temos vinho.

– Nem um pouco de vinho? – perguntou Dantès. – O senhor está passando necessidade? Mas quando eu viajei deixei duzentos francos com o senhor!

– Sim, mas você se esqueceu de uma pequena dívida com o nosso vizinho, Caderousse. Ele me cobrou e ameaçou procurar o senhor Morrel. Com medo de que isso prejudicasse você, paguei.

– Mas eu devia cento e quarenta francos para Caderousse. Se o senhor pagou a ele, passou três meses com apenas sessenta francos?

– Você sabe que eu preciso de muito pouco.

– Que Deus me perdoe! – exclamou Edmond, jogando-se de joelhos aos pés do pai.

Naquele momento Caderousse entrou.

– Então você voltou, Edmond? – perguntou sorrindo o vizinho, um homem alto com uma massa de cabelo negro.

– Voltei e estou a seu dispor – respondeu Dantès, de forma educada, mas fria.

– Não estou precisando de nada, obrigado. Ouvi dizer que teve sorte, e o senhor Morrel tem grande consideração por você.

– Ele tem sido muito bom para mim.

– Então você não deveria ter-se recusado a jantar com ele. Quem quer ser capitão de um navio não deve desagradar o patrão.

– Ele o convidou para jantar? E você não foi? – o pai perguntou, interrompendo o diálogo.

– Não, pai, queria primeiro ver o senhor – disse Dantès, sorrindo. E, voltando-se para Caderousse, acrescentou: – Espero conseguir ser capitão sem ter que bajular ninguém.

Alguns minutos depois de Dantès sair, Caderousse desceu a escada que levava para a rua. Danglars o esperava na esquina.

– E aí, você o viu? Ele falou da esperança de se tornar capitão? – perguntou-lhe Danglars.

– Falou como se já estivesse decidido.

– Ora, ele ainda não é capitão! E continua apaixonado pela bela catalã?

– Sim, foi se encontrar com ela. Mas não sei se as coisas vão bem com Mercedes. Toda vez que ela vem à cidade, está acompanhada por um catalão jovem, alto e bonito, a quem ela trata de primo.

– Você acha que ele está apaixonado por ela?

– Acho que sim.

– Então vamos beber um copo de vinho na taverna perto do bairro catalão.

Os dois foram a uma taverna que ficava próxima da colina, atrás da qual, havia séculos, se estabelecera uma colônia de pescadores catalães.

Enquanto isso, em uma casa situada na única rua daquele bairro isolado, uma linda morena, de olhos escuros e suaves, recusava outra vez um pedido de casamento.

– Fernand, eu já lhe disse, gosto de você como de um irmão, mas meu coração pertence a outro. Eu amo Edmond Dantès. Nenhum outro será o meu marido. Vou amá-lo enquanto viver.

Fernand baixou a cabeça. Neste momento ouviu-se a voz de Dantès:

– Mercedes! Mercedes!

A moça saiu correndo e abriu a porta, gritando:

– Edmond!

O CONDE DE MONTE CRISTO

Edmond e Mercedes caíram nos braços um do outro. Na sua imensa felicidade, os dois se esqueceram de tudo e de todos. De repente, porém, Edmond percebeu o rosto carrancudo de Fernand olhando-os.

– Quem é este cavalheiro? – perguntou para Mercedes.

– É o meu primo Fernand. Ele será o seu melhor amigo, pois é meu amigo.

Ainda segurando uma das mãos de Mercedes, Edmond estendeu a outra para o jovem catalão. Mas a sua cordialidade foi recebida com frieza. Fernand permaneceu mudo e imóvel como uma estátua.

– Eu não corri para encontrar um inimigo com você, Mercedes – disse Edmond.

– Um inimigo? Você não tem um inimigo aqui, Edmond. – Olhando fixamente para o catalão, ela continuou a se dirigir a Dantès: – Fernand, que é para mim como um irmão, vai apertar-lhe a mão em manifestação de amizade.

Como que hipnotizado, Fernand deu a mão a Edmond. Mas o aperto de mão foi curto, e ele saiu às pressas. Foi-se afastando, andando a esmo, desesperado e puxando os cabelos, quando ouviu:

– Ei, Fernand, do que você está fugindo?

O jovem parou, virou-se e viu Caderousse sentado em uma taverna com Danglars.

– Sente-se conosco. Você está com tanta pressa que não pode passar algum tempo com os seus amigos? – perguntou Caderousse.

– Especialmente com amigos que têm uma garrafa cheia de vinho? – acrescentou Danglars.

Fernand olhou para ambos e não respondeu. Enxugou o suor que lhe escorria pelo rosto e foi até a mesa dos dois. Ao se sentar, apoiou a cabeça nos braços cruzados sobre a mesa.

– Deus me livre, Fernand – disse Caderousse –, você parece um amante rejeitado!

– Que história é essa? – indagou Danglars.

– Estou bem – respondeu Fernand, sem levantar a cabeça.

– Veja como é a vida, um dos melhores e mais corajosos catalães está apaixonado por uma moça que parece gostar do imediato do *Pharaon*...

– E daí? – disse Fernand, levantando a cabeça e olhando firmemente para Caderousse. – Mercedes é livre para amar quem ela quiser, não é?

– Eu sempre soube que um catalão não aceita ser suplantado por um rival. Creio que Fernand seja terrível em sua vingança.

– Pobre rapaz! – exclamou Danglars.

– Olhe lá! – gritou Caderousse, de repente. – Lá no alto da colina! São os dois, andando de mãos dadas.

Danglars observou atentamente a expressão agoniada do rosto de Fernand. Então Caderousse viu que o casal começou a se aproximar e gritou:

– Ei, Edmond. Você não reconhece mais os amigos? Que orgulho é esse?

– Não sou orgulhoso, mas estou apaixonado e o amor torna um homem mais cego que o orgulho – respondeu Dantès.

– Bravo! Bela desculpa!

Danglars o interrompeu:

– Imagino que o seu casamento se realizará em breve, Dantès – falou, dirigindo-se ao casal com uma mesura.

– Logo que possível, senhor Danglars – respondeu Edmond. – Amanhã ou depois de amanhã daremos a ceia de noivado aqui nesta taberna. Está convidado, Danglars, assim como Caderousse e, claro, Fernand.

Os dois apaixonados se afastaram, felizes, enquanto os três continuaram a conversar.

O dia seguinte amanheceu ensolarado e radiante. A mesa da festa foi preparada no salão da taverna. A ceia estava marcada para o meio-dia, mas desde as onze horas convidados impacientes enchiam o salão. A maioria era de marinheiros do *Pharaon* e soldados amigos de Dantès.

Os noivos, com quatro damas de honra e o pai de Edmond, chegaram com Mercedes. Fernand vinha atrás, com um sorriso maligno.

Nem Edmond nem Mercedes notaram o sorriso... Estavam tão felizes que só tinham olhos um para o outro.

Danglars e Caderousse cumprimentaram os noivos. O primeiro ficou ao lado de Fernand, e o segundo, do velho Dantès. O pai de Edmond caminhava todo orgulhoso, apoiado em sua bengala entalhada, trajando seu melhor terno preto, enfeitado de belos botões de aço.

O CONDE DE MONTE CRISTO

O próprio Dantès estava vestido com simplicidade, com sua farda da Marinha mercantil.

Na entrada da taverna, Morrel, que havia chegado, foi encontrá-los, seguido pelos outros convidados. Dantès imediatamente tirou o braço da noiva do seu próprio braço e o colocou, respeitosamente, no braço do patrão. O armador e a noiva, ruborizada, lideraram o cortejo pela escada de madeira em direção ao salão onde seria a festa.

Logo que todos se sentaram, os pratos foram servidos: saborosas salsichas de Arles e todas as iguarias fornecidas pelo mar – lagostas e camarões em suas cascas rosadas, ouriços-do-mar, moluscos.

– Que festa silenciosa! – observou o velho Dantès, tomando um gole do aromático vinho amarelo. – Nem parece que há trinta pessoas alegres reunidas aqui!

– Um marido nem sempre está alegre – respondeu Caderousse

– Na verdade, eu estou feliz demais para ficar alegre – disse Dantès. – Se é isso que quis dizer, meu vizinho, tem toda razão. A felicidade tem um efeito peculiar; às vezes ela oprime tanto quanto a tristeza.

– Você está pressentindo algum problema? – perguntou Danglars.

– O que me alarma é que eu acho que estou tendo a felicidade com muita facilidade. Eu não sei se mereço a honra de me tornar marido de Mercedes – disse Dantès.

– Marido ou noivo? Você está andando depressa demais – resmungou Caderousse.

– É verdade que Mercedes ainda não é minha mulher, mas... – Dantes tirou o relógio do bolso – o será dentro de uma hora e meia.

Fernand fechou os olhos e se apoiou na mesa, para não cair. E soltou um gemido, mas ele não foi ouvido, perdendo-se no meio das ruidosas congratulações.

– Vou amanhã para Paris – continuou Dantès. – Quatro dias para ir, quatro para voltar e um dia para realizar a minha incumbência.

Danglars mantinha Fernand sob vigilância e, naquele momento, notou que o catalão, que estava sentado perto da janela, subitamente se levantou para em seguida voltar a sentar-se. Quase no mesmo instante ouviu-se um

barulho na escada. O tropel de muitos homens e o tumulto de muitas vozes misturados com o retinir de espadas abafaram o som das vozes. As risadas morreram. De repente foram ouvidas três fortes batidas na porta.

– Abram, em nome da lei! – bradou uma voz.

A porta foi aberta, e o comissário de polícia entrou, seguido de quatro soldados armados e um cabo.

– Do que se trata? – perguntou o dono do navio, aproximando-se do comissário, a quem conhecia. – Temo que isso seja um engano.

– Se for um engano, senhor Morrel, fique sossegado que será esclarecido – respondeu o comissário. – Trago uma ordem de prisão que deve ser cumprida. Qual dos senhores, cavalheiros, é Edmond Dantès?

– Sou eu, senhor – respondeu ele, agitado, mas com dignidade.

– Edmond Dantès, você está preso em nome da lei.

– Preso? Mas por qual motivo?

– O senhor saberá a respeito no primeiro interrogatório.

Resistir era inútil, mas o velho Dantès não entendeu isso. Ele se jogou aos pés do policial e implorou, mas suas lágrimas e súplicas foram em vão.

– Não há motivo para alarme, senhor – disse o comissário. – Quando tudo for esclarecido, ele será solto em seguida.

Dantès se entregou, dizendo:

– Pode ter certeza de que é um engano e que tudo será esclarecido antes de eu chegar à cadeia.

– Sem dúvida – disse Danglars. – Estou pronto a testemunhar pela inocência dele.

Dantès desceu a escada atrás do policial e, cercado por soldados, entrou na carruagem que estava à espera.

– Adeus, Edmond, meu Edmond! – soluçou Mercedes, debruçando-se sobre a sacada.

– Até logo, minha Mercedes! – respondeu Dantès, pondo a cabeça para fora da janela da carruagem, que já partia.

Quando a carruagem desapareceu na primeira curva, no Forte de São Nicolau, o senhor Morrel disse a todos que esperassem por ele, pois iria descobrir o que estava acontecendo.

O CONDE DE MONTE CRISTO

Algum tempo depois os convidados que tinham ficado na sacada gritaram animados:

– Uma carruagem! Deve ser o senhor Morrel.

Mercedes e o velho Dantès correram para receber o armador. A expressão de seu rosto era bastante sombria.

– Meus amigos, é uma questão muito mais grave do que pensamos.

– Não sei do que se trata, mas tenho certeza de que ele é inocente! – falou Mercedes, em tom de desespero.

– Eu também acredito na inocência de Dantès, mas ele é acusado de ser um agente da facção bonapartista – disse o senhor Morrel.

A consternação e o desânimo tomaram conta de todos diante de tão grave acusação. Em silêncio, as pessoas começaram a se dispersar.